

EMERGÊNCIA DE PLÂNTULAS DE *OENOCARPPUS MINOR* MART. EM DIFERENTES PROFUNDIDADES DE SEMEADURA.

B.M.S. Silva^{1*}; F. Cesarino²; T.F. Pantoja^{3*}.

INTRODUÇÃO

A Amazônia possui valioso reservatório de recursos genéticos de espécies frutíferas (Calzavara, 1972).

A utilização de palmeiras na região amazônica abrange desde os aspectos da alimentação, comercialização, construção, confecção de artefatos artesanais e usos fitoterápicos (Jardim & Stewart, 1994). Neste contexto, o estuário amazônico é representado por uma diversidade de palmeiras que constituem fundamental importância sócio-econômica e cultural relacionada com a vida e os costumes das comunidades (Prance *et al.*, 1987).

A família Palmae Jussieu, de modo geral, demanda estudos fisiológicos básicos para possibilitar sua domesticação, dentre suas espécies, *Oenocarpus minor* Mart. tem grande potencial econômico devido sua larga utilização.

O. minor, vulgarmente conhecida como bacabinha, é uma palmeira elegante de até 10m de altura com cerca de 7cm de diâmetro e frutos globosos com cerca de 1,5 cm de comprimento e violáceos na maturação (Bilack citado por Hendersson & Scariot (1993)). Os frutos são utilizados para fazer um vinho semelhante ao de açaí (Paula & Alves, 1997), além de a espécie ser muito ornamental, e apresentar potencial para o uso no paisagismo de modo geral.

A emergência da plântula não é somente uma das fases essenciais no ciclo de vida da planta, mas representa também um dos períodos de maior vulnerabilidade a mudanças físicas no ambiente (Aangevine & Chabot, 1979).

Desta forma, o objetivo do trabalho foi determinar a melhor profundidade de semeadura para emergência de plântula de bacabinha.

MATERIAL E MÉTODOS

A seleção das matrizes, bem como a coleta das sementes foi realizada segundo orientações de Aguiar *et al.* (1993) e Figliolia (1995).

As sementes *Oenocarpus minor* Mart. foram coletadas no Distrito de São Joaquim do Pacui em Macapá/AP/BR no dia 06/01/2004. O processo de beneficiados dos frutos para obtenção das sementes consiste em submetê-los a água morna (cerca de 47°C) durante 15 minutos, e posterior, maceração manual.

O teor de umidade do lote de sementes foi determinado por meio da secagem de 4 repetições de 10 sementes em estufa a 105°C, durante 24 horas, de acordo com as RAS (Brasil, 1992).

Para o teste de emergência foi utilizada 4 repetições de 24 sementes, distribuídas em bandeja plásticas como plantmax e vermiculita em 0, 2 e 4 cm de profundidade de semeadura, mantidas em casa de vegetação (30 ± 5°C) com sombreamento de 50%. O eixo maior da semente ficou paralelo ao substrato e inverso ao crescimento natural da radícula. E a emergência foi marcada pelo aparecimento de ≥1cm do coleóptilo sobre o substrato.

A porcentagem e o tempo médio de emergência foram calculados segundo Labouriau e Agudo (1987). O delineamento experimental foi inteiramente casualizado. Os dados de porcentagem de emergência foram transformados em $\arcsin \sqrt{x/100}$, para normalização de sua distribuição, porém na tabela foi apresentada as médias originais. E para comparação entre as médias foi utilizado o teste de Tuckey ao nível de 5% de probabilidade (Gomes, 1982).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As plântulas de *O. minor* possuem porcentagem de emergência diferentes estatisticamente nas profundidades de semeaduras de 0 a 4 cm, sendo maiores em 0 e 2 cm e menores em 4 cm de profundidade (Tabela 01).

Tabela 01 – Porcentagem de emergência de plântulas de *O. minor* após 60 dias de semeadura. Médias diferentes seguidas da mesma letra não diferem entre si pelo teste de Tuckey ao nível de 5% de probabilidade, bem como para as demais Tabelas.

Porcentagem Média de Emergência (%) – CV = 9.4%			
Profundidade	0	2	4
(cm)	84.38A	81.25 ^a	50.08B

No entanto, o tempo médio de germinação para a espécie aumenta diretamente proporcional ao aumento da profundidade de semeadura (Tabela 02).

Tabela 02 – Tempo médio de emergência e Avaliação de parâmetros lineares e matéria seca de plântulas de *O. minor* após 60 dias de semeadura.

Médio do Tempo Médio de Emergência (Dias) – CV = 3%			
Profundidade	0	2	4
(cm)	41.00A	53.14B	58.00C

Na Tabela 03, os parâmetros avaliados confirmam novamente as profundidades menores a 2 cm de semeadura com ideais, pois as plantas possuem qualidades fisiológicas semelhantes estatisticamente. Em 4 cm, as plântulas são prejudicadas pela maior resistência oferecida pelo substrato.

Tabela 03 – Avaliação de parâmetros lineares e matéria seca de plântulas de *O. minor* após 60 dias de semeadura.

Parâmetros Avaliados/Profundidade	0	2	4	CV (%)
(cm)				
Altura (cm)	6.28A	4.93B	2.84C	19.4
Espessura do Colo (cm)	0.347A	0.233B	0.217B	10.7
Massa de Matéria Seca da Plântula	0.226A	0.210AB	0.192B	12.6
(g)				

A profundidade ideal de semeadura deve proporcionar uma germinação homogênea, uma rápida emergência de plântulas e mudas vigorosas (Schimdt, 1974).

Resultados similares foram obtidos para as plântulas de *Swietenia macrophylla* com profundidade ótima de semeadura de 1 cm (Schimdt, 1974). Contrariamente, as sementes

de *Virola surinamensis* (Rol.) Warb. (Rosa *et al.*, 1999), cuja porcentagem de emergência não foi influenciada pela profundidade de semeadura.

CONCLUSÃO

A profundidade de semeadura ideal para emergência de plântula de *Oenocarpus minor* Mart. é 0 cm, pois nesta temos porcentagem de emergência elevadas e equivalente a 2cm, porém com menor tempo médio.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, I.B. DE; PIÑA-RODRIGUES, F.C.M.; FIGLIOLIA, M.B.. Sementes Florestais Tropicais. ABRATES. Brasília. 350p. 1993.
- ANGEVINE, M.W.; CHABOT, B.F. Seed Germination Syndromes in Higher Plant. In: SOLBRIG, O.; JAIN, S.; JOSHON, G.B.; RAVEN, P.H.. Topics in Plant Population Biology. Columbia University Press. New York, p. 188-206. 1979.
- BEWLEY, J. D.; BLACK, M.. Seeds: Physiology of Development and Germination. Plenum Press, New York, 445p. 1994.
- CALZAVARA, B.B.G.. As Possibilidades do Açaizeiro no Estuário Amazônico. FACP. Bol. Téc. n. 5, Belém: PA, 103 p. 1972.
- FIGLIOLIA, M.B. Colheita de Sementes. In: SILVA, A.; PIÑA-RODRIGUES, F.C.M. e FIGLIOLIA, M.B. (Eds.) Manual Téc. de Sementes Florestais. São Paulo. 14: p.1-12. 1995.
- GOMES, F. P. Curso de estatística experimental. Piracicaba: USP. ESALQ, 1982. 430p.
- HENDERSON, A.; SCARIOT, A. 1993. A Flórula da Reserva Ducke, I: Palmae (Arecaceae). Acta amazonica. 23(4): p. 349-369.
- JARDIM, M.A.G. e STEWART, P.J. 1994. Aspectos da Produção Extrativista de Açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.) no estuário amazônico. Bol. Mes. Para. Emílio Goeldi, sér. Bot., 12(1):137-144.
- LABOURIAU, L. G.; AGUDO, M.. 1987. On the Physiology of Seed Germination in *Salvia hispanica* L.I. Temperature Effects. In: Anais da Academia Brasileira de Ciências. p. 37-56.
- PAULA, J.E. e ALVES, J.L.H.. Madeiras Nativas: Anatomia, Dendrologia, Dendrometria, produção e uso. Brasília : Fundação Mokiti Okada – MOA. 1997.
- PRANCE, G.T.; BALEE, W.; BOOM, M.B. e CARNEIRO, R.L. 1987. Quantitative Ethenobotany and Case for Conservation in Amazon. Conserv. Biol. 1(4), Dec.
- ROSA, L. DOS S.; PINHEIRO, K. S. O.; VELLOSO, L. P. L.; OHASHI, S. T.. Emergência, crescimento inicial e sobrevivência de ucuúba (*Virola surinamensis* (Rol.) Warb.) sob diferentes níveis de sombreamento e profundidade de semeadura. Revista de Ciências Agrárias, 32: p. 33-45.
- SCHIMDT, P.B.. 1974. Sobre a profundidade ideal de semeadura de mogno (Aguano), *Sweitenia macrophylla* King. Brasil Florestal. 5(17): p. 42-47.